

Editorial

Viver com os outros

Álvaro de Vasconcelos

Muitos europeus viram com espanto e inquietação os partidos populistas, que fazem do racismo e da xenofobia bandeira política, obterem sucessivamente uma fatia significativa dos votos na Áustria, em Itália, na Dinamarca, na Bélgica (Flandres), na Holanda e em França, onde Le Pen, perante a incredulidade geral, chegou à segunda volta das presidenciais. É, desde a queda do muro de Berlim, o segundo grande choque para o optimismo europeu.

O primeiro fora a macabra descoberta, com a depuração étnica nos Balcãs, que o nacionalismo, nas suas formas mais violentas e extremas, ainda era possível na Europa. Mas tratava-se então de correntes identitárias que irrompiam e devastavam uma região exterior à UE. Agora, trata-se de forças políticas que alcançam resultados eleitorais expressivos em Estados democráticos, dentro da UE.

A popularidade do discurso populista traduz uma reacção previsível à dupla revolução que vivemos: a da própria integração, que põe em causa a noção tradicional de soberania, e a da multiculturalidade. Um francês educado no sentido de ver em Clóvis uma referência fundadora e em Jeanne d'Arc a sagração do heroísmo (em Portugal seriam Afonso Henriques e Nun'Álvares), tem agora de aceitar que muitos dos seus compatriotas não se consideram descendentes de Francos ou Lusitanos, e não se revêem nos mesmos heróis. São mutações extraordinárias, ambas questionando o discurso justificador dos diferentes Estados-nação. São transformações que valem a pena, que vão no sentido da paz e da tolerância, que tornam a construção europeia possível – mas obrigam a pensar de forma diferente as relações com os vizinhos e a convivência com o Outro. O fenómeno da mestiçagem cultural das sociedades ocorreu múltiplas vezes na história da Europa. Em Portugal, ainda estão bem vivos os seus traços nas enormes diferenças de hábitos e costumes entre o Minho e o Alentejo. Mas no passado a diversidade, quando incómoda, era aplanada por proibições e severos castigos: foi assim que se impôs a unidade religiosa ou linguística da França. Na era da democracia e da informação, isso não é legítimo nem

possível: a diversidade, ontem vista como uma fraqueza, é hoje uma vantagem. O multiculturalismo, a diversidade religiosa, o multilinguismo vieram para ficar.

É natural porém que haja quem se assuste com a mudança, e veja na diferença uma ameaça. Há quem não aceite a integração com os outros Estados da Europa, apontados durante gerações como inimigo. O que é extraordinário não é haver quem tema e seja contrário à mudança – mas que tantos a apoiem. Mais significativos que os 17% de Le Pen são os 82% de Chirac, em defesa da cidadania e da Europa. Foram aliás os franceses, na dinâmica do sobressalto democrático das presidenciais, quem no Conselho Europeu de Sevilha mais se bateu contra a proposta absurda de Aznar e Blair de punir os países terceiros que não controlassem a imigração clandestina.

Os imigrantes são os Outros com quem temos que bem viver se quisermos preservar a construção europeia. Porque são os mesmos valores fundamentais sobre os quais se funda a UE que estão em causa na luta contra a xenofobia e o populismo, e na recusa da ideia de que seria possível construir uma fortaleza fechada aos pobres e aos perseguidos e que lançaria para um gueto os que cá vivem e vieram de fora, associando-os, como faz a extrema-direita, com o crime e o terror, reservando a democracia e a cidadania para «os nacionais de origem».

A Europa morrerá se tentar subtrair-se à mudança cultural que a atravessa e procurar firmar a sua unidade numa pretensa identidade cultural ou religiosa. Aceitar, como no passado, a «invasão dos pobres», dos diferentes, dos refugiados, contribui para o enriquecimento económico e cultural da Europa. A resposta à muito empolada «questão da imigração» está na integração cidadã. A proposta de estatuto do cidadão lusófono feita por Portugal aos seus parceiros da CPLP – inspirada nos direitos que os portugueses há muito têm no Brasil e que agora também os imigrantes brasileiros têm em Portugal –, é um contributo interessante para este debate europeu. A Europa deve ter orgulho em ser terra de asilo, como o teve a França durante tanto tempo – e muitos de nós, portugueses, bem o sabemos.